



O que é preciso mudar no currículo de Matemática?

João Pedro da Ponte*

EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

Directora
Ana Vieira

Redacção

Adelina Precatado
Ana Paula Canavarro
Conceição Rodrigues
Fátima Guimarães
Fernanda Perez
Helena Amaral
Helena Fonseca
Helena Rocha
Henrique M. Guimarães
Lina Brunheira
Maria José Boia
Paula Espinha
Paulo Abrantes

Colaboradores permanentes

A. J. Franco de Oliveira
Matemática
Eduardo Veloso
"Tecnologias na Educação Matemática"
José Paulo Viana
"O problema deste número"
Lurdes Serrazina
A matemática nos primeiros anos
Maria José Costa
História e Ensino da Matemática
Rui Canário
Educação

Composição e paginação
João Loureiro e Pedro Abrantes

Entidade Proprietária
Associação de Professores
de Matemática

Tiragem
5200 exemplares
Periodicidade
Jan/Fev, Mar/Abr, Mai/Jun,
Set/Out, Nov/Dez
Montagem, fotolito e impressão
Costa e Valério
Nº de Registo: 112807
Nº de Depósito Legal: 91158/95

Encerrando um ciclo de cerca de 10 anos de relativa acalmia, a questão do currículo volta a estar na ordem do dia. É um facto positivo e natural, uma vez que este tem de acompanhar a evolução da sociedade. No meu entender, há diversas questões que importa, presentemente, considerar. Uma delas refere-se ao que é um currículo. Outra diz respeito a quem está envolvido na sua elaboração.

Tradicionalmente, em Portugal, os currículos têm sido vistos sobretudo como "programas", essencialmente organizados como listas de temas a tratar. Com mais ou menos objectivos, indicações metodológicas, instrumentos de avaliação, bibliografias e anexos, o que se salienta são as listagens incontornáveis dos temas, subtemas, conceitos e, às vezes, até a indicação do grau de dificuldade dos exercícios a resolver. Temos documentos curriculares extremamente rígidos, que não só especificam com pormenor tudo o que o professor deve tratar como indicam o modo de o fazer e até o tempo a dedicar a cada assunto, ano a ano e até unidade a unidade. Apesar de todas as proclamações de flexibilidade, a verdade é que o nosso currículo oficial de Matemática continua a ser extremamente rígido. Um dos mais importantes desafios que se colocam é, assim, saber se seremos capazes de ir além deste tipo de currículo.

Nos anos 80 prevalecia a visão de que o currículo era para ser elaborado por especialistas, sendo depois experimentado em pequena escala, para ser mais tarde aplicado de modo generalizado pelos professores. Estes eram assim os "aplicadores" do currículo e, para isso precisavam, certamente, de bastante formação. De então para cá, evoluiu muito o pensamento sobre o papel do professor. É hoje ponto assente que este desempenha um papel fundamental na interpretação e (re)elaboração do currículo, tendo em conta os alunos com que trabalha, cuja formação cultural, origem social, enquadramento familiar, interesses e atitudes relativamente à Matemática se evidencia cada dia com maiores diferenças. Esse papel pode ser assumido de duas maneiras: de corpo inteiro e de forma responsável, ou de modo ambíguo e mal assumido. Assim, outro desafio que se coloca no presente processo de renovação curricular diz respeito ao papel que será desempenhado pelos professores. Em grande medida isso dependerá das orientações e medidas do Ministério da Educação. Mas a palavra decisiva cabe, certamente, aos próprios professores.

No presente processo de renovação curricular é desejável que se aperfeiçoem os documentos existentes, acrescentando talvez novos objectivos e algumas competências reconhecidamente importantes. Por exemplo, as capacidades de raciocínio e de utilização da Matemática como instrumento de intervenção sobre a realidade — elementos fundamentais no contributo desta disciplina para a educação para a cidadania — deveriam merecer uma séria atenção. Por outro lado, as novas tecnologias permitem um reforço das actividades exploratórias dos alunos, o que também constitui um importante desafio para o desenvolvimento curricular. Mas a simples introdução de novos objectivos, novos conceitos matemáticos ou novas orientações curriculares não constituirá um grande avanço se se deixarem os currículos centrados nos conteúdos e o papel do professor reduzido ao de mero aplicador do que foi superiormente estabelecido.

* Centro de Investigação em Educação e Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa